

## FUTEBOL X GÊNERO: SUPERANDO DIFICULDADES E PRECONCEITOS

Adrieli Salvador Machado<sup>1</sup>

Francisco José Fornari Sousa<sup>2</sup>

### RESUMO

**Introdução:** A Educação Física no ambiente escolar baseada nos esportes coletivos tem o futebol como o principal protagonista das aulas, já que o Brasil é considerado o país do futebol. **Objetivo:** investigar a interferência das relações de gênero na prática de futebol por mulheres no âmbito escolar. **Metodologia:** Pesquisa de campo descritiva e diagnóstica. Fizeram parte da amostra 10 (dez) alunas da Escola de Educação Básica Professor José Fernandes de Oliveira do município de Vacaria/RS. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário. Os dados coletados foram analisados através de estatística básica e analisados tendo como base s autores da área. **Resultados:** Quando perguntado sobre as turmas de educação física em relação ao sexo a maioria das meninas respondeu que as turmas são separadas, a maioria das meninas já teve alguma experiência com o futebol neste ou em outros anos do ensino fundamental; a maioria das meninas costuma jogar futebol na escola; sobre a ocupação da quadra da escola fora do horário das aulas de educação física, metade das meninas afirmou que são somente os meninos que a ocupam, a outra metade respondeu que a ocupação é igual entre o dois sexos; a maioria das meninas concorda que o futebol deve fazer parte do programa das aulas de educação física; quanto ao esporte preferido metade das meninas prefere o Futebol enquanto a outra metade prefere o Voleibol; metade das meninas afirma ter algum tipo de dificuldade na pratica do Futebol enquanto a outra metade diz não ter nenhuma dificuldade; todos os pais concordam que suas filhas joguem futebol. **Conclusão:** Conclui-se então que o Futebol Feminino está cada dia mais frequente no contexto escolar mesmo tendo em conta que a ocupação dos locais destinados a pratica esportiva ainda é predominantemente masculina, que as meninas lutam contra o preconceito e estão conquistando cada vez mais espaço nesse esporte.

**Palavras-chave:** Gênero. Preconceito. Futebol feminino.

---

<sup>1</sup> Acadêmica da 8ª fase do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

<sup>2</sup> Prof. do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

## FOOTBALL X GENDER: OVERCOMING DIFFICULTIES AND PREJUDICES

Adrieli Salvador Machado  
Francisco José Fornari Sousa<sup>4</sup>

### ABSTRACT

**Introduction:** Physical education in the school environment based on collective sports has football as the main protagonist of the classes, since Brazil is considered the country of football. **Objective:** to investigate the interference of gender relations in soccer practice by women in school settings. **Methodology:** Descriptive and diagnostic field research. Ten (10) students from the School of Basic Education Professor José Fernandes de Oliveira from the city of Vacaria / RS were part of the sample. A questionnaire was used as a data collection instrument. The collected data were analyzed through basic statistics and analyzed based on the authors of the area. **Results:** When asked about physical education classes regarding sex, most girls answered that classes are separate, most girls have had some experience with soccer in this or other years of elementary school; most girls play football at school; about the occupation of the school block outside the hours of physical education classes, half of the girls said that it is only the boys who occupy it, the other half answered that the occupation is equal between the two sexes; most girls agree that football should be part of the physical education class program; As for the preferred sport, half of the girls prefer Football while the other half prefers Volleyball; half of the girls say they have some kind of difficulty in practicing football while the other half says they have no difficulty; all parents agree that their daughters play football. **Conclusion:** It is concluded that women's football is becoming more frequent in the school context even though the occupation of places for sport is still predominantly male, that girls fight against prejudice and are conquering more and more space in this sport.

**Keywords:** Gender. Preconception. Women's football.

## **1. INTRODUÇÃO**

A Educação Física no ambiente escolar baseada nos esportes coletivos tem o futebol como o principal protagonista das aulas, já que o Brasil é considerado o país do futebol.

Sendo assim, a prática do futebol feminino passou e ainda passa por processos de transformação, e por muitos anos este desporto foi culturalmente considerado um esporte exclusivamente masculino.

O preconceito que permeia a participação feminina no futebol apresenta várias formas e tem se construído culturalmente, uma vez que desde pequenas as crianças são influenciadas pela família e sociedade a brincar com brinquedos de acordo com o gênero, ou seja, meninas brincam com bonecas e meninos, de carrinho e jogam bola.

Este estudo tem como objetivo principal investigar a interferência das relações de gênero na prática de futebol por mulheres no âmbito escolar, mediante revisão de literatura, através da qual apresentar a construção cultural do preconceito, a iniciação feminina no futebol brasileiro, assim como compreender as questões de gênero vivenciadas e como o professor de Educação Física pode atuar na desconstrução da discriminação, estereótipos e credences relacionados a participação das alunas no futebol escolar.

Para levantamento de dados, serão coletadas respostas mediante aplicação de questionário, numa amostragem de 10 (dez) alunas da Escola de Educação Básica Professor José Fernandes de Oliveira do município de Vacaria/RS.

Ao final, os dados coletados serão analisados e apresentados em tabelas ou gráficos e o resultado da pesquisa se dará através da interpretação desses dados com base na literatura pertinente.

A importância do assunto pesquisado chama a atenção para a prática ainda exercida de discriminação sofrida por mulheres quando escolhem praticar futebol, permeando os caminhos do preconceito, relações de gênero, dificuldades e estereótipos movidos pela sociedade brasileira com base em crenças, mitos e valores construídos culturalmente.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A prática do futebol feminino no Brasil é recente, em meados da década de 1980, o Conselho Nacional de Desportos – CND concedeu o direito a diversas modalidades esportivas às mulheres, incluindo o futebol (CASTELLANI, 1991, apud BATISTA; DEVIDE, 2003).

Em 1941, o Decreto Lei 3199 proibia a prática de esportes que não fossem adequadas

à natureza feminina, que posteriormente, em 1965, foi regulamentado, estabelecendo regras para a participação das mulheres no esporte, proibindo a várias modalidades (DEVIDE, 2003).

[...] Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para esse efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país [...]" (BRASIL, DECRETO-LEI 3199/1941, Art. 54).

Seguindo essas Leis, Neves (2005), o ingresso feminino no futebol, com oportunidades desiguais, passou por um processo de construção cultural em que essa prática é reserva masculina, originando o preconceito como um dos aspectos que dificultam o desenvolvimento da participação das mulheres no futebol no país.

Confirmando as palavras de Neves (2005, p.214):

Existe um incentivo por parte da CBF – Confederação Brasileira de Futebol, ao futebol feminino, mas se comparado com o incentivo à modalidade masculina, nota-se uma discrepância quanto a sua divulgação e suporte técnico, além do número de competições, visibilidade na mídia, salários, entre outros aspectos relevantes. Porém, mesmo com tímidos incentivos, o futebol feminino tem obtido bons resultados a nível internacional.

Sob a ótica do gênero, segundo Mourão e Morel (2005), a ideia de superioridade do sexo masculino sobre o feminino estaria baseada no princípio em que as atitudes femininas seriam determinadas pelas suas características fisiológicas, devido a pouca intimidade e inabilidade que as jogadoras possuíam, os espectadores consideravam o futebol feminino um divertimento visto como uma caricatura, com tons de comédia, e despertavam curiosidade e frenesi.

[...] O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina (GOELLNER, 2005, p. 144).

Para Daolio (1997) apud Chaves e Capraro (2007), a cultura influencia fortemente nos fatores da atualidade, levando para a discussão do fato dos meninos terem, em sua maioria, um desempenho motor muito melhor quando se efetua uma comparação de gêneros.

De acordo com Giusepp e Romero (2004, p.04):

A temática gênero/corpo é uma questão existente nas aulas de Educação Física e provoca discussões sobre a configuração de padrões de gênero masculino e feminino e sua relação com o corpo e motricidade. Esses padrões são construídos e cultivados desde o nosso nascimento e são pautados em referências biológicas e socioculturais. Características como força e velocidade pertencem aos meninos e a expressão oral e motricidade às meninas. Desde cedo os modelos seguidos por meninos e meninas tendem a favorecer as expectativas da sociedade, inicialmente dos pais e sucessivamente de parentes, vizinhos ou de amigos.

Mesmo com a ascensão do futebol feminino nacional, ainda assim a prática desse esporte pelas alunas parece não ser bem aceita por essa atividade requerer movimentos

considerados pela sociedade impróprios para a possível “fragilidade feminina” (TEROSSO et al., 2009). Percebe-se que “[...] a falta de acesso e oportunidade, aliada a mitos, particularmente, ao mito da fragilidade feminina, acaba contribuindo para o desinteresse das meninas pelo futebol.” (FREITAS, 2003, p.9, apud TEROSSO et al., 2009, p.142).

Atualmente, ainda se encontra escolas que dividem as turmas de acordo com o sexo, ou seja, meninos não realizam atividades físicas juntamente com as meninas. Parece haver dois grupos distintos para alguns esportes.

Conforme Terossi et al (2009) o professor em sua prática docente, durante a aula, poderá contribuir positivamente para a inclusão de todos os alunos, ambos os sexos, nas atividades de educação física, mas aparentemente há a preferência pelo trabalho com os meninos do que com as meninas no âmbito escolar.

Na grande maioria, ou quase todas as escolas, há apenas uma quadra de esportes que é utilizada por todos os alunos e essa escassez de espaços destinados ao treino de futebol feminino, dificulta ainda mais a prática desse esporte que, quantitativamente é inferior ao sexo masculino.

Para Freitas (2003) há professores que utilizam também treinos mistos, como forma de possibilitar às meninas jogarem com pessoas que jogam melhor que elas, porém esse comportamento reproduz ainda mais o discurso de superioridade masculina. Segundo Terossi et al (2009), por causa dessas limitações e a falta de continuidade nos treinos, as meninas apenas conseguem atingir nível satisfatório, o que abala a autoestima e confiança.

Segundo Altmann, (2002) e Lima et al, (2006) apud Batista e Devidé (2009):

Alguns estudos sobre a prática do desporto na Educação Física Escolar, tanto em aulas mistas quanto separadas por sexo, constataram que as exclusões não ocorrem somente pelo gênero, mas que a habilidade motora, a força e a idade também são aspectos relevantes para um “emaranhado de exclusões”.

Meninos não excluem meninas do jogo de futebol por simplesmente pertencerem ao sexo feminino, mas por não terem habilidade motora para praticá-lo, pois as meninas que jogam bem se inserem nos jogos compostos pelo sexo masculino sem maiores problemas. Então, surge um questionamento sobre o preconceito, se ele não está no sexo, onde está?

Para Batista e Devidé (2009), o preconceito é resultado do processo da inserção das mulheres no contexto esportivo de reserva masculina, o que acaba por contribuir para a construção de estereótipos relacionados à identidade sexual e de gênero das jogadoras, tornando a prática do futebol feminino alvo de discursos machistas. Muitas jogadoras são rotuladas de lésbicas por praticarem futebol, levantando a discussão sobre a masculinização das mulheres que praticam tal modalidade. Além da estrutura social que dificulta a inserção e

a permanência das mulheres no futebol, elas se deparam com a barreira do preconceito familiar, por vezes representado pela figura materna.

O esporte e principalmente o futebol é um espaço de domínio masculino e, considerando que a inclusão da mulher nessa modalidade esportiva passou e ainda passa por processos de transformação, no ambiente escolar, a luta das meninas por este espaço desafia a soberania masculina.

### **3. METODOLOGIA**

Conforme Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A pesquisa bibliográfica é o passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação, quer dizer, após a escolha de um assunto é necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema proposto.

Através da análise bibliográfica, primeiramente verificou-se os assuntos correlatos de maior relevância para compor este estudo, sendo utilizada a leitura de livros de referências disponíveis na biblioteca universitária e, também nos artigos científicos publicados na internet, ou seja, em sites acadêmicos.

Em seguida, depois de selecionados o material da pesquisa, efetuada a leitura e elencados os conteúdos mais relevantes para compor a pesquisa.

A amostra foi composta por 10 (dez) alunas da Escola de Educação Básica Professor José Fernandes de Oliveira do município de Vacaria/RS.

Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário contendo 9 (nove) questões abertas e descritivas, que segundo Thomas e Nelson (2002) na pesquisa descritiva o método mais comum é o estudo exploratório, que tem como uma das técnicas mais utilizadas o questionário.

Ao final, os dados coletados foram analisados através de estatística básica (f e %) e apresentados em tabelas.

#### **3.1. Análise e discussão dos dados**

Com base nos questionários respondidos pelas alunas seguem as seguintes respostas. Conforme a tabela 1 (n= 5, 50%) estuda no 5º ano e (n=5, 50%) no 6º ano do ensino fundamental.

**Tabela 1. Ano escolar das alunas.**

	f	%
5° ano	5	50
6° ano	5	50
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Em relação à formação das turmas para realização das aulas de educação física segundo a tabela 2 (n= 4, 40%) tem turmas mistas, (n= 6, 60%) tem turmas separadas.

**Tabela 2. Aulas de Educação Física em relação ao sexo dos (as) alunos (as).**

	f	%
Mistas	4	40
Separadas	6	60
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Freire (1989) diz que os principais argumentos utilizados para a separação por sexo nas aulas de Educação Física se referem à superioridade dos meninos na maioria das qualidades físicas. Mas afirma que esse argumento, para ele, só se justifica se o objetivo da Educação Física escolar fosse o rendimento físico.

Outro argumento frequentemente utilizado refere-se ao contexto cultural, que determina uma separação das crianças por sexo antes mesmo do ingresso na escola, o que poderia resultar em uma recusa da participação em atividades mistas por parte deles próprios. Contra este argumento o autor adverte que, manter esta separação seria o mesmo que reforçar o preconceito já existente, e conformar as pessoas à sociedade.

Darido (1999) percebeu algumas dificuldades de encaminhamento de propostas que implicam na educação conjunta. A partir da observação da prática de professores de Educação Física concluiu que a formação de uma imagem positiva por parte das garotas em atividades motoras, quando as aulas são mistas, precisa ser reforçada.

Não se trata de valorizar o rendimento, mas de reconhecer que nem sempre somente o fato das aulas serem mistas reforça a formação de uma autoimagem positiva das meninas, situações de fracasso vivenciadas pelas meninas podem acentuar uma relação de dominação generificada. Assim, uma alternativa viável seria a alternância de atividades mistas e separadas, de acordo com o objetivo e o andamento das aulas.

Sobre ter alguma experiência com Futebol nas aulas de Educação Física neste ou em outros anos conforme a tabela 3 (n= 9, 90%) das alunas já teve alguma experiência (n= 1,

10%) não teve nenhuma experiência com futebol durante este ano ou outros do ensino Fundamental.

**Tabela 3. Experiência com Futebol neste ano ou outros do Ensino Fundamental.**

	f	%
Sim	9	90
Não	1	10
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Em um estudo Souza Jr. (1991) realizou para uma turma de 5.<sup>a</sup> série um programa de futebol feminino com o objetivo de entender as opiniões das meninas quanto a esse esporte. Foi verificado que apesar de a maioria das meninas já ter alguma experiência com o futebol, o local onde vivenciaram esta prática não foi a escola.

Em outro estudo, que pode ser considerado relativamente recente Tódaro (1997) entrevistou algumas jogadoras de futebol feminino que passaram pela seleção brasileira, onde afirmaram que não foi na escola onde iniciaram a prática do futebol, esses dados voltam a infância das atletas o que quer dizer que se trata da década de 80, nesse período o futebol feminino já tinha sua prática legalizada, porém não se tem nenhum conhecimento de alguma manifestação efetiva desta prática.

Em relação às meninas que costumam jogar Futebol na escola conforme a tabela 4 (n= 9, 90%) costumam jogar e (n= 1, 10%) não costuma jogar Futebol na escola.

**Tabela 4. Meninas costumam jogar Futebol na escola.**

	f	%
Sim	9	90
Não	1	10
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Os dados apresentados sugerem que a prática do Futebol feminino nas escolas não é rara, podemos constatar que em muitos casos as meninas praticam nas aulas de Educação Física o que podemos concluir que se trata de um componente curricular.

Podemos perceber também com esses resultados que aparentemente as meninas não se preocupam com manifestações de preconceito por parte dos meninos, porém as meninas que Souza Jr. (1991) entrevistou afirmaram naquela época (há mais de 20 anos atrás) que se os meninos as vissem jogando futebol, as xingariam, iriam dizer que futebol é jogo de meninos e iam taxa-las de “menininhos”.

Em outro estudo, um pouco mais recente Souza Jr. (2000) entrevistou meninas com idades entre 11 e 14 anos que estavam participando de uma competição escolar de futebol feminino, as entrevistadas afirmaram ter o incentivo e apoio dos pais, familiares e amigos inclusive os meninos da escola, este incentivo é muito importante para as meninas, assim elas se sentem bem para jogar, ultrapassando preconceitos e assim conquistando um espaço para jogar dentro da escola.

De acordo com a tabela 5, a ocupação da quadra fora do horário das aulas de Educação Física é (n= 5, 50%) predominantemente dos meninos e (n= 5, 50%) igual.

**Tabela 5. Ocupação da quadra fora do horário da Educação Física.**

	f	%
Meninos	5	50
Meninas	0	0
Igual	5	50
Não usam	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre a ocupação do espaço físico escolar fora das aulas de educação física Altmann (1998) analisa em seu estudo que meninos ocupam espaços mais amplos do que as meninas, sendo assim observada uma exclusão das meninas nas quadras de futebol durante o recreio. Assim, percebe-se que o esporte, mais precisamente o futebol, é um meio dos meninos exercerem domínio de espaço na escola, sendo os locais destinados à prática esportiva considerados redutos quase que exclusivamente masculinos.

Com base na tabela 6, (n= 8, 80%) das meninas afirma que o futebol deve fazer parte do programa das aulas de Educação Física e (n= 2, 20%) acredita que o futebol não é necessário nas aulas.

**Tabela 6. Futebol deve fazer parte do programa das aulas de Educação Física.**

	f	%
Sim	8	80
Não	2	20
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Os resultados acima afirmam o estudo de Souza Jr. (1991) que encontrou em uma questão semelhante a esta 100 % de aprovação das alunas de 5.<sup>a</sup> série quanto à inclusão do futebol na Educação Física, porém, relataram que a professora não oferecia este conteúdo

em suas aulas. Pode-se supor que este desejo das meninas de praticar o futebol em suas aulas de Educação Física, esteja ligado também à relação de poder exercida pelos meninos através do futebol, atrelado ainda à conquista de espaços destinados à prática da modalidade, especialmente as quadras poliesportivas.

Altmann (1998) afirma que o esporte – e mais especificamente o futebol – é um espaço masculino na escola, e, deste modo, a conquista pelas meninas deste espaço desafia a “soberania masculina.”

Quanto ao esporte preferido das meninas para jogar na escola (n= 5, 50%) preferem jogar futebol, (n= 5, 50%) preferem o Voleibol.

**Tabela 7. Esporte preferido para jogar na escola.**

	f	%
Basquetebol	0	0
Futebol	5	50
Voleibol	5	50
Handebol	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos concluir que o futebol realmente tem uma boa aceitação entre as meninas, os valores do estudo realizado por Costa Neto (1997) citado por Santos & Souza Jr. (2000), são bem semelhantes aos resultados do presente estudo, na medida em que indicam também uma preferência do voleibol quanto às modalidades esportivas seguido pelo futebol. Estes resultados sugerem que os(as) professores(as) podem encontrar ao menos um ponto favorável à implementação do futebol nas aulas de Educação Física das meninas, ou seja, a própria aceitação da modalidade por parte das alunas.

De acordo com a tabela 8, (n= 5, 50%) das meninas não encontra nenhuma dificuldade para a prática do Futebol na escola e (n= 5, 50%) diz que encontram algumas dificuldades com essa modalidade.

**Tabela 8. Dificuldade na pratica do Futebol.**

	f	%
Sim	5	50
Não	5	50
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

A partir desses resultados podemos concluir que as meninas cada vez mais vem conquistando seu espaço dentro do futebol, apesar de muitas ainda sentirem alguma dificuldade com essa pratica. Ao perguntado as entrevistadas quais seriam suas dificuldades com o futebol a maioria delas respondeu que o medo de se machucar seria a maior causa, na escola na maioria das vezes elas tem que jogar com meninos, que, segundo elas, não são muito amigáveis quando se trata de futebol, a maioria já tentou jogar, porém ainda tem muitas dificuldades.

Quanto aos pais concordarem em jogar Futebol (n= 10, 100%) dos pais permitem que suas filhas joguem futebol, tanto dentro da escola como fora.

**Tabela 9. Pais concordam em jogar Futebol.**

	f	%
Sim	10	100
Não	0	0
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Ao analisar esses resultados podemos perceber que os pais não são como os do século passado que proibiam suas filhas de praticar esse esporte por ser um esporte “exclusivamente” masculino, muitos pais ate alegavam que suas filhas iriam viram homenzinhos jogando futebol. Hoje em dia os pais entendem e percebem que o Futebol Feminino já tem grande espaço no país e mesmo com tanto preconceito suas filhas devem fazer o que mais as agrada.

#### 4. CONCLUSÃO

Levando em consideração os resultados deste estudo podemos perceber o quanto o Futebol Feminino tem ganhado espaço nas escolas, mesmo sendo assim que os professores ainda não tenham se adaptado a essa “novidade” ao ser perguntado as entrevistadas quanto às aulas de educação física em relação ao sexo a maioria das meninas diz ter turmas separadas.

A maioria das meninas já teve alguma experiência com futebol, neste ano ou em outros anos no ensino Fundamental, porem afirmam que a escola não foi o primeiro lugar que tiveram contato com o esporte, as mesmas costumam jogar futebol na escola, mesmo tendo dificuldades em relação aos meninos que preferem que elas não joguem.

Metade das meninas respondeu que a ocupação da quadra fora das aulas de educação física é exclusivamente dos meninos, a outra metade respondeu que a ocupação é igual, ou

seja a ocupação nunca é exclusivamente feminina, a maioria das meninas acha que o futebol deve fazer parte do programa das aulas de educação física para que possam aprender mais sobre esse esporte e cada vez mais ter menos dificuldades.

Sobre o esporte preferido das entrevistadas cinco meninas preferem futebol e cinco meninas preferem voleibol, sendo que nenhuma prefere o Basquetebol ou Handebol.

Sobre as dificuldades de jogar futebol cinco meninas tem dificuldade para jogar futebol e cinco meninas afirmam não ter nenhum problema com esta pratica, as entrevistadas também afirmam que seus pais concordam com que elas joguem Futebol, tanto na escola como fora dela, dizem que é um esporte como qualquer outro, que faz bem a saúde e conseqüentemente faz bem a elas mesmas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto Lei N.º 3.199 de 14 de Abril DE 1941(Publicado no DOU de 16-4-1941). **Estabelece as bases de organizações dos desportos em todo o país.** Disponível em: < <http://ibdd.com.br/numero-319941/>>. Acesso em: 26 Mai 2018.

BATISTA, R. S.; DEVIDE, F. P. **Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina.** Revista Digital - Buenos Aires, Ano 14, nº 137, Outubro de 2009. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd137/mulheres-futebol-e-genero.htm>>. Acesso em: 25 Mai 2018.

CHAVES, A. S.; CAPRARO, A. M. **O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social.** Revista digital – Buenos Aires, Ano 12, nº 111, Agosto de 2007. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd111/o-futebol-feminino.htm>>. Acesso em 26 Mai 2018.

BATISTA, R. S.; DEVIDE, F. P. **Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina.** Revista Digital - Buenos Aires, Ano 14, nº 137, Outubro de 2009. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd137/mulheres-futebol-e-genero.htm>>. Acesso em: 25 Mai 2018.

NEVES, J. C.; FAUNDES, G. H. **Caminhos de desafios do futebol feminino na escola.** Curitiba, 2012. Disponível em: <http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/10/CAMINHOS-E-DESAFIOS-DO-FUTEBOL-FEMININO-NA-ESCOLA.pdf>. Acesso em 26 Mai 2018.

FREITAS, L. L. de. **Futebol feminino: análise dos discursos dos sujeitos envolvidos em uma competição infantil entre escolas públicas em João Pessoa-PB,** 2003. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003. In Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007, Silvio Ricardo da Silva (Coord). Belo Horizonte: Escola de Educação

Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIUSEPP, E.; ROMERO, E. “...Para ser macho não pode negar fogo, tem que ser viril. Então não tem nada a ver com dança...”. Revista entre ideias: educação, cultura e sociedade, desde 2012. ISSN: 2317-1219 (online), Antiga Revista da FAGED, desde 1994, n. 8, 2004. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br>. Acesso em: 26 Mai 2018.

GOELLNER, S. V. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/106/2275>. Acesso em: 06 Mai 2018.

\_\_\_\_\_. Na “Pátria das chuteiras” as mulheres não têm vez. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Florianópolis, UFSC. Disponível em: [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana\\_Vilodre\\_Goellner\\_21.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf). Acesso em 26 Mai 2018.

MOURÃO, L.; MOREL, M. **As narrativas sobre o futebol feminino**. O discurso da mídia impressa em campo. Revista Brasileira Ciências Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, jan. 2005. Disponível em: <http://www.rbrceonline.org.br>. Acesso em: 26 Mai 2018.

NEVES, C. G. **Mulheres jogadoras de futebol: descortinando as relações de gênero**, 2005, 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Motricidade Humana, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2005. In Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007, Silvio Ricardo da Silva (Coord). Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, 2009.

RODRIGUES, R.; GONÇALVES, J. C. **Procedimento de metodologia científica**. 7. ed. Lages, SC. PAPERVEST. 2014.

COSTA, Y. L. de; ABREU, R. de O. **Mulher e futebol: desigualdades de gênero e a influência midiática**. Congresso Internacional de História. Set. 2016. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1477949130\\_ARQUIVO\\_artigo\\_congressofinalizadodia31.pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1477949130_ARQUIVO_artigo_congressofinalizadodia31.pdf). Acesso em: 25 Mai 2018;

NEVES, J. C.; FAUNDES, G. H. **Caminhos de desafios do futebol feminino na escola**. Curitiba, 2012. Disponível em: <http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/10/CAMINHOS-E-DESAFIOS-DO-FUTEBOL-FEMININO-NA-ESCOLA.pdf>. Acesso em 26 Mai 2018.

TEROSSO, M. B.; D’ANGELO, A. P.; STILLI, D. A. de. B. **Futebol e gênero: a visão nacional sobre a prática do futebol entre as mulheres**. ANUDO-Anuário da Produção Acadêmica Docente, vol. III, nº 4, Ano 2009. Disponível em: <http://repositorio.pgskroton.com.br/bitstream/123456789/1330/1/Artigo%208.pdf>. Acesso em: 25 Mai 2018.